

**NATÉRCIA MARIA PONTE SANTOS**

**RELAÇÃO ENTRE CONFLITO FAMILIAR E PERTURBAÇÃO  
EMOCIONAL EM ADULTOS EMERGENTES: O PAPEL  
MODERADOR DA QUALIDADE DA RELAÇÃO NA FRATRIA**

**Orientadoras: Professora Doutora Ana Nazaré Prioste e Professora  
Doutora Alda Portugal**

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Escola de Psicologia e Ciências da Vida**

**Lisboa**

**2018**

**NATÉRCIA MARIA PONTE SANTOS**

**RELAÇÃO ENTRE CONFLITO FAMILIAR E PERTURBAÇÃO  
EMOCIONAL EM ADULTOS EMERGENTES: O PAPEL  
MODERADOR DA QUALIDADE DA RELAÇÃO NA FRATRIA**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção de Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 20 de dezembro de 2018, perante o Júri nomeado pelo seguinte Despacho Reitoral nº 346/2018, com a seguinte composição:

**Presidente:** Professora Doutora Bárbara Nazaré  
**Arguente:** Professora Doutora Eunice Magalhães  
**Orientadora:** Professora Doutora Ana Nazaré Prioste

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Escola de Psicologia e Ciências da Vida**

**Lisboa**

**2018**

## **Agradecimentos**

A conclusão desta etapa na minha vida não teria sido possível sem o apoio de alguns intervenientes. Assim sendo, gostaria de agradecer a todas as pessoas, que de uma forma ou outra, me apoiaram durante o meu percurso académico.

À minha orientadora, Professora Doutora Ana Prioste, pela incansável orientação, pelo entusiasmo e motivação. Pela sua disponibilidade, rigor e profissionalismo sempre demonstrados. Por ser um exemplo a seguir.

À Professora Doutora Alda Portugal, por toda a ajuda e conselhos prestados.

À Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e à Escola de Psicologia e Ciências da Vida, pelo acolhimento. A todos os docentes que contribuíram para a minha formação ao longo da licenciatura e mestrado, por todos os conhecimentos e contributos para o meu crescimento pessoal e profissional.

Às minhas colegas de mestrado Rafaela, Marta, Vânia, Sheila, Mayara, em especial à minha companheira de jornada, Daniela, pela amizade, força e incentivo que sempre me deram.

Aos meus amigos de sempre, que mesmo à distância sempre me transmitiram apoio e motivação ao longo destes dois anos. Teresa, obrigada por me deixares partilhar contigo as minhas alegrias e as minhas frustrações. Tu foste, és e sempre serás uma peça fundamental na minha vida, obrigada por tudo!

À minha família pelo amor, carinho, incentivo e orgulho demonstrados, em especial à minha irmã e cunhado.

Aos meus pais, responsáveis pela abertura de muitos caminhos na minha vida, agradeço do fundo do coração por terem acreditado em mim, pelo apoio constante e pela dedicação de toda uma vida. Sem vocês nada disto teria sido possível.

E a ti, Martim, que mesmo sem saberes tornaste esta meta alcançável.

Obrigada a todos!

## Resumo

A literatura internacional tem sugerido que, na infância e na adolescência, as relações positivas na fratria estão associadas a um ajustamento psicológico adequado e podem atenuar o impacto negativo de acontecimentos stressantes intra e extrafamiliares. Considerando que o papel protetor da qualidade das relações fraternais em adultos emergentes não tem sido suficientemente investigado, o presente estudo pretende: (a) explorar a relação entre o conflito familiar, a qualidade das relações na fratria e a perturbação emocional; (b) analisar o papel moderador da qualidade da relação na fratria sobre a relação entre o conflito familiar e a perturbação emocional. Participaram neste estudo 264 adultos emergentes com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, respondendo a um conjunto de instrumentos de autorrelato para avaliar as variáveis em análise. Os resultados mostraram um efeito moderador da hostilidade fraternal, sugerindo que o efeito do conflito familiar na perturbação emocional é significativamente diferente consoante o nível de hostilidade fraternal percebido. Os resultados apoiam a literatura que sublinha o papel do subsistema fraternal como uma fonte de suporte intrafamiliar perante dinâmicas familiares conflituosas, pelo que poderão ser úteis no desenho de intervenções familiares e fraternais na adulez emergente e na literatura nas áreas de Psicologia da Clínica e Psicologia da Família.

*Palavras-chave:* relação na fratria; perturbação emocional; conflito familiar; adulez emergente; perturbação emocional.

## **Abstract**

International literature has suggested that in childhood and adolescence, positive sibling relationships are associated with positive psychological adjustment and may mitigate the negative impact of intra and extrafamily stressors. Considering that the protective role of the quality of fraternal relations in emergent adults has not been sufficiently investigated, this study aims to: (a) explore the relationship between family conflict, the quality of relationships in fratria and emotional disturbance; (b) to analyze the moderating role of the quality of the sibling relation on the relation between the family conflict and the emotional disturbance. A total of 264 emerging adults aged 18-30 years participated in this study by responding to a set of self-report instruments to evaluate the variables under analysis. The results showed a moderating effect of fraternal hostility, suggesting that the effect of family conflict on emotional disturbance is significantly different depending on the level of fraternal hostility perceived. The results support the literature that emphasizes the role of the fraternal subsystem as a source of intrafamily support in the face of conflicting family dynamics, and may therefore be useful in the design of family and fraternal interventions in emerging adulthood and literature in the areas of Clinical Psychology and Psychology of Family.

*Keywords:* sibling relationships; emotional disturbance; family conflict; emergent adulthood; emotional disturbance.

### **Abreviaturas e Siglas**

BSI - Inventário de Sintomatologia Psicológica (Brief Symptom Inventory)

CEDIC - Comissão de Ética e Deontologia em Investigação Clínica

ICF - Inventário de Clima Familiar

ISP - Índice de Sintomas Psicopatológicos

SPSS - Statistical Package for Social Sciences

SRI- Inventário de Relações entre Irmãos

### **Símbolos**

DP - Desvio-Padrão

M - Média

N - Frequência absoluta

% - Percentagem (frequência relativa)

## Índice Geral

<b>Resumo</b> .....	4
<b>Abstract</b> .....	5
<b>Abreviaturas e Siglas</b> .....	6
<b>Símbolos</b> .....	6
<b>Introdução</b> .....	8
Relações na fratria ao longo do ciclo de vida .....	10
Adulter emergente .....	11
Papel da qualidade da relação fraternal .....	13
Questão de investigação e objetivos .....	15
<b>Método</b> .....	15
Participantes .....	15
Instrumentos .....	16
Questionário de dados sociodemográficos .....	16
Inventário de Relações entre Irmãos .....	16
Inventário de Sintomatologia Psicológica .....	16
Inventário do Clima Familiar .....	17
Procedimento de recolha de dados .....	17
Procedimento de análise dos dados .....	18
<b>Resultados</b> .....	19
Estatística descritiva e análise das correlações .....	19
Análise do papel moderador da qualidade relacional fraternal na relação entre o conflito familiar e a perturbação emocional .....	19
<b>Discussão</b> .....	22
Implicações para a literatura e para a prática .....	24
Limitações e estudos futuros .....	25
<b>Referências</b> .....	27

## Introdução

Sendo o contexto familiar responsável pela proteção, cuidado e socialização desde o nascimento até à individuação, a evidência empírica tem identificado, de forma consistente, a associação de diversas variáveis familiares ao risco (e.g., conflito familiar, psicopatologia e divórcio parental) e à proteção (e.g., coesão familiar, relações parento-filiais positivas) das trajetórias desenvolvimentais (Crawford, Cohen, Midlarsky, & Brook, 2001; Youngstrom, Weist, & Albus, 2003; Tucker & Updegraff, 2009; Yáñez-Yaben & Garmendia, 2016). Enquanto sistema, a família engloba diversos subsistemas (parental, conjugal, filial e fraternal) que podem funcionar como um recurso intrafamiliar de suporte perante acontecimentos ou transições stressantes (Gass, Jenkins, & Dunn, 2007). Especificamente, no que diz respeito ao subsistema fraternal, este inicia-se aquando do nascimento do segundo filho (Alarcão, 2000), sendo composto pelos elementos que ocupam uma posição de irmãos/irmãs numa família. Tendo em conta os dados do INE (2017), em média, no ano de 2016, cada família teve 1.36 filhos, sugerindo que, em Portugal, existe uma percentagem significativa de pessoas que cresce com, pelo menos, um irmão/uma irmã. A literatura internacional tem sugerido que, na infância e na adolescência, as relações positivas na fratria podem ter um papel amortecedor em relação a acontecimentos familiares stressantes (Gass et al., 2007; Jenkins & Smith, 1990; Sandler, 1980). Considerando que o papel protetor da qualidade das relações na fratria em adultos emergentes não tem sido suficientemente investigado, o presente estudo pretende analisar o modo como a relação entre o conflito familiar e a perturbação emocional é afetada pela qualidade da relação na fratria em adultos emergentes portugueses.

A pertinência deste estudo pode ser fundamentada por vários autores. Apesar de alguns apontarem para a importância das relações na fratria no desenvolvimento individual, o papel das relações fraternais no ajustamento tem sido subestimada pelas comunidades clínicas e académicas (Cicirelli, 1995). De facto, as vivências que ocorrem no contexto fraternal influenciam os comportamentos individuais, moldando as relações futuras (Adler, 1984), já que é neste contexto que são estabelecidas as relações mais extensas da vida (Bank & Kahn, 1997). A literatura tem mostrado que o apoio emocional recíproco entre os elementos da fratria pode facilitar o desenvolvimento de competências sociais, relacionais (e.g., relação entre os pares), emocionais (e.g.,

regulação emocional) e académicas (Milevsky, 2005). Para além disso, as relações fraternais positivas (i.e., com níveis elevados de suporte emocional e apoio) estão associadas positivamente a níveis mais elevados de ajustamento e a níveis mais baixos de sintomatologia psicológica, nomeadamente sintomatologia depressiva (Kim, McHale, Crouter, & Osgood, 2007). Alguns estudos têm também salientado a importância da competição e do conflito fraternal no desenvolvimento individual, já que permitem que os irmãos/as irmãs aprendam a lidar com sentimentos de perda e de raiva associados à competição, a dividir, a partilhar e a estabelecer limites (Faber & Mazlish, 1995). Contudo, outros estudos indicam a existência de uma associação positiva entre os níveis de conflito fraternal e as perturbações de externalização e internalização (Kim et al., 2007).

A maioria dos trabalhos focados no papel protetor da fratria em situações de elevada conflituosidade familiar tem sido realizado com amostras de crianças e de adolescentes. A literatura tem mostrado, consistentemente, que a conflituosidade familiar tende a agudizar-se na etapa do ciclo de vida casal com filhos adultos (Connidis & McMullin, 2002; Papalia & Olds, 2000), tendo em conta as alterações nas dinâmicas relacionais familiares. Com a saída dos filhos de casa e com o ninho vazio, o casal volta a reencontrar-se, no mesmo espaço físico, sem o modelo de funcionamento anterior, levando a uma reflexão em torno da relação conjugal<sup>1</sup> (i.e., conhecimento do outro, investimento na relação conjugal, partilha da educação dos filhos e vida financeira) e ao aumento dos conflitos (Alarcão, 2000). Em Portugal, à semelhança de outros países mediterrânicos, tem sido evidente ao longo das últimas décadas o adiamento das tarefas desenvolvimentais que marcam a transição para a vida adulta (e.g., saída da casa dos pais, casamento e parentalidade)<sup>2</sup>. De facto, o prolongamento da coabitação com os pais tem contribuído para que os atuais adultos emergentes estejam, por isso, mais expostos aos conflitos que derivam destas mudanças relacionais (Kublikowski & Rodrigues, 2016). Kublikowski e Rodrigues (2016) sugerem que o “ninho cheio” não seja disfuncional e não questione a condição adulta dos filhos. Outros autores (e.g.,

---

<sup>1</sup> O balanço desta reflexão poderá conduzir a uma ruptura conjugal ou a uma reconstrução da relação (Alarcão, 2000), sendo o conflito transversal a ambos os cenários.

<sup>2</sup> Tendo em conta os dados da PRODATA (2018), a idade média do primeiro casamento, no ano de 1960 para os homens era de 26.9 anos e para as mulheres de 24.8 anos, já em 2016 a idade média dos homens passou para 32.8 anos e para as mulheres 31.3 anos. Esta tendência tem sido associada às alterações nos padrões sociais e culturais dos países industrializados, nomeadamente, ao prolongamento dos percursos escolares e académicos e à inserção laboral tardia e instável, dada a complexidade e a competitividade atual do mercado de trabalho (Brandão, Saraiva, & Matos, 2012).

Jablonski & Martino, 2013; Kins, Soenens, & Beyers, 2011) consideram a experiência de separação dos pais essencial para alcançar maturidade. Deste modo, apontam para que o prolongamento da coabitação tenha um carácter disfuncional, já que mantém a dependência relacional em relação aos pais, dificulta os compromissos sociais e perpetua a condição de “adolescentes” dos adultos emergentes (Henriques, Jablonski, & Feres-Carneiro, 2004; Vieira & Rava, 2012).

Assim, perante a escassez de evidência empírica em relação ao efeito protetor que a relação na fratria poderá ter na relação entre a percepção de conflito familiar e o ajustamento individual na adultez emergente, torna-se pertinente estudar este tópico.

### **Relações na fratria ao longo do ciclo de vida**

A literatura tem sublinhado alterações marcadas nas relações na fratria ao longo do ciclo de vida. Na infância, como as relações são emocionalmente desinibidas, potenciam a influência mútua na fratria (Pike, Coldwell, & Dunn, 2005). A entrada do irmão/da irmã mais velho/a para a escola permite a abertura do subsistema fraternal a novos tipos de interação, favorecendo também a aprendizagem de outros códigos sociais (Relvas, 1996) e, permitindo, posteriormente, ao irmão mais velho apoiar a adaptação do/a mais novo/a ao ambiente e exigências escolares (Cicirelli, 1995).

Na adolescência, a literatura tem salientado o facto de as relações na fratria funcionarem como uma fonte de apoio, possibilitando o desenvolvimento de competências de autorregulação, nomeadamente a compreensão emocional (Stormshak, Bullock, & Falkenstein, 2009), e contribuírem para o desenvolvimento da identidade pessoal (Bank & Khan, 1997). Por outro lado, nesta etapa desenvolvimental, verifica-se o aumento do contacto com grupos extrafamiliares e a importância crescente do grupo de pares que permite a experienciação de modelos relacionais e valores distintos daqueles que são vivenciados pela família de origem (Alarcão, 2000). Esta possibilidade de escolha de relacionamentos interpessoais contribui para a intensificação do processo de diferenciação entre os elementos que compõem a fratria (Bank & Khan, 1997), pelo que tendem a emergir diferenças mais acentuadas entre os/as irmãos/irmãs nesta etapa (Oliveira, 2011). Na adultez emergente, mantém-se a tendência para a diferenciação entre os elementos da fratria, com a consolidação das escolhas e interesses individuais que tendem a direcionar-se para exploração de alternativas identitárias pessoais e sociais distintas e para o investimento na educação e na carreira profissional (Arnett, 2006),

podendo as relações fraternais tornar-se menos intensas, tendo em conta a probabilidade da diminuição da convivência e coabitação.

### **Adultez emergente**

A constatação de que a transição para a vida adulta se prolonga até quase ao início da terceira década de vida contribui para que vários autores da psicologia do desenvolvimento depositem uma atenção especial a esta etapa, distinguindo-a de outras e denominando-a de *aduldez emergente* (Arnett, 2006). Contudo, em 1972, Erikson já apontava para a existência de uma adolescência prolongada, marcada pela oportunidade de explorar papéis e valores, o que se repercutia no prolongamento dos compromissos que caracterizam a idade adulta.

Arnett (2000, 2004, 2006) considera que a *aduldez emergente* pode ser definida através da experienciação de um conjunto de dimensões específicas: exploração da identidade, experimentação, sentimento de ambiguidade, negatividade e autocentração. O processo de experimentação é definido como um período otimista, no qual o adulto emergente explora diversas oportunidades e possibilidades. Por sua vez, a negatividade refere-se à instabilidade e sobrecarga associadas aos desafios experienciados. O sentimento de ambiguidade traduz-se numa perceção de si ambígua, isto é, na tendência de que os adultos emergentes não se sentem nem adolescentes nem adultos. A autocentração refere-se à forma em como os adultos emergentes experimentam a autonomia e a liberdade pessoal (Baggio, Iglesias, Studer, & Gmel, 2015). Por último, a exploração da identidade está associada à exploração de diferentes áreas da vida à medida que estabelecem compromissos e que se autodefinem. De acordo com Arnett (2000), o objetivo da exploração da identidade não se cinge à preparação para o desempenho de papéis adultos: os adultos emergentes vivenciam uma multiplicidade de experiências antes de assumirem as responsabilidades *normativas* da vida adulta, centrando a exploração da identidade em diversas áreas, nomeadamente, nas relações amorosas, no trabalho e na perspetiva para o futuro. Assim, nesta etapa desenvolvimental, as relações amorosas tendem a tornar-se mais douradoras e íntimas e as experiências de trabalho passam a ser interpretadas como base para projetos profissionais futuros (Arnett, 2000).

Até se atingir o estatuto de adulto, há um processo gradual que não pode ser definido apenas pelo culminar de tarefas desenvolvimentais tradicionais. A definição do estatuto de adulto envolve, necessariamente, a construção do indivíduo como pessoa

autónoma em relação à sua família de origem (Arnett, 2001). A transição para a idade adulta implica, portanto, um avanço no processo de individuação que inclui uma definição do *self* (Scharf, Mayseless, & Baron, 2004). Contudo, a literatura mostra que mesmo as relações de qualidade entre pais e filhos adultos emergentes não são sinónimas de ausência de conflito relacional (Bengtson, Biblarz, & Roberts, 2002), existindo, muitas vezes, uma tensão entre a interdependência/apoio intergeracional e a autonomia dos membros da família. Tendencialmente, existem níveis superiores de conflito familiar intergeracional quando as relações e os comportamentos não estão em conformidade com as normas e as expectativas sociais e desenvolvimentais (Connidis & McMullin, 2002). Para além disso, as relações, nesta fase, tornam-se mais horizontais do que verticais, isto é, tornam-se mais equilibradas em termos de poder, o que se reflecte também na comunicação pais-filhos. Deste modo, a perceção da relação tende a melhorar e a qualidade/tipo de assuntos que estão na base do conflito também poderão ser diferentes daqueles que estão na base do conflito em outras etapas do ciclo vital (Portugal & Beja, 2017; Connidis & McMullin, 2002).

Apesar de vários autores sublinharem as consequências desenvolvimentais positivas estimuladas pelo aumento da estabilidade nesta etapa (em comparação com a adolescência) (e.g., Rutter, 1996), a literatura aponta para que as tarefas desenvolvimentais associadas a esta etapa possam contribuir para o aumento do risco para desenvolver perturbações psicológicas, por exemplo, perturbações do humor (Kessler et al., 2005, 2012; North et al., 2016) e abuso de substâncias (Substance Abuse and Mental Health Services Administration, 2011).

Alguns estudos indicam uma associação positiva entre ter um emprego e o nível de satisfação com a vida (e.g., Newman & Aptekar, 2007), mostrando que a indecisão profissional pode ser um fator influente na sintomatologia depressiva (Smith & Betz, 2002). A literatura não é consistente no que concerne à relação entre a coabitação com os pais e o ajustamento psicológicos dos adultos emergentes. Por um lado, existem evidências empíricas que sugerem que a coabitação com os pais pode ter um efeito protetor, contribuindo para o ajustamento individual, já que os adultos emergentes que não vivem com os pais apresentam níveis de *stress* (Seiffge-Krenke, 2006) e de sintomatologia depressiva (Nguyen, Fournier, Bergeron, Roberge, & Barrette, 2005) mais elevados, em comparação com os adultos emergentes que ainda vivem com os pais. Estes resultados têm sido interpretados tendo em conta a dificuldade de

individação e de negociação da separação dos pais, atendendo às mudanças e à exploração de novos projetos de vida (Seiffge-Krenke, 2006). Por outro lado, outros trabalhos sublinham que a não coabitação com os pais está associada a níveis mais elevados de sucesso académico (Jordyn & Byrd, 2003) e de satisfação com a sua vida (Newman & Aptekar, 2007).

### **Papel da qualidade da relação fraternal**

A literatura é consistente a apontar a primazia do impacto das relações parento-filiais no ajustamento individual, considerando que, habitualmente, estas são as relações que funcionam como uma base segura, fornecendo apoio, segurança e conforto (Bowlby, 1982). Apesar disso, os estudos têm evidenciado a importância da relação fraternal no desenvolvimento e bem-estar, mostrando a importância de outros recursos familiares para além das relações entre pais e filhos (Cicirelli, 1995). Por exemplo, o estudo longitudinal de Jenkins e Smith (1990), com 382 participantes com idades compreendidas entre os 9 e os 12 anos, mostrou que, na infância, as relações positivas estabelecidas entre os elementos da fratria podem ter um papel moderador no impacto que o conflito conjugal exerce sobre o desenvolvimento de quadros depressivos nas crianças. No mesmo sentido, o estudo de Gass e colaboradores (2007), com uma amostra de 98 adultos emergentes e 320 adolescentes, mostrou que o afeto fraternal tem um efeito moderador entre a experiencição de acontecimentos de vida stressantes e perturbações de internalização.

Apesar da escassez de estudos que incluam amostras de adultos emergentes, no geral, os trabalhos mostram que as relações na fratria, tal como as relações com os pais, podem ser fontes de segurança e conforto em contextos stressores. O estudo de Stewart (1983), com uma amostra de 54 mães com filhos dos 3 aos 4 anos e dos 10 aos 20 anos, mostrou que quando as crianças mais novas eram colocadas num quarto sozinhas com um irmão mais velho, na ausência das mães, 52% dos irmãos mais velhos tranquilizaram e confortaram os seus irmãos mais novos; os irmãos mais velhos eram mais ativos na prestação de cuidados às irmãs mais novas e as irmãs mais velhas eram mais ativas na prestação de cuidados aos irmãos mais novos; e enquanto os irmãos mais velhos tendiam a responder aos pedidos de cuidado, as irmãs mais velhas tendiam a prestar mais cuidados do que o pedido e esperado. Jenkins, Smith e Graham (1989), num estudo com 119 famílias conflituosas, mostraram que, perante o conflito parental, as crianças tendem a procurar o contacto com um irmão/uma irmã e mostram níveis de

perturbação menos quando têm uma relação na fratria positiva. Um estudo realizado por Tucker e Updegraff (2009) encontrou também padrões compensatórios de apoio entre irmãos quando os pais se mostravam indisponíveis, demonstrando que esses padrões têm efeitos protetores no ajustamento de crianças e adolescentes.

Existem alguns estudos que associam a qualidade da relação na fratria a variáveis familiares e parentais. Por exemplo, o estudo de Gamble e Yu (2014), que explorou a associação entre a qualidade das relações na fratria, as características familiares e a parentalidade, mostrou que as relações fraternais caracterizadas por níveis altos de afeto e baixos de conflito estão associadas a práticas parentais de suporte emocional. No estudo longitudinal de Derkman, Engels, Kuntsche, van der Vorst e Scholte (2011), com uma amostra de 428 famílias composta pelo pai, mãe e dois filhos adolescentes, também foi encontrada uma relação unidireccional entre a qualidade relacional na fratria e o suporte parental. Os resultados deste estudo apoiam a ideia de que a qualidade de uma relação transborda para a outra, influenciando-a – efeito de *spillover*<sup>3</sup> (Repetti, 1987); assim, quando a qualidade da relação na fratria diminui, a percepção do suporte parental também (Derkman et al., 2011).

Para além do efeito de *spillover*, têm sido defendidas duas hipóteses explicativas distintas em relação à associação entre as relações com os pais e as relações na fratria – hipótese da congruência e hipótese da compensação. A hipótese da congruência, baseada nos modelos de funcionamento interno dinâmico<sup>4</sup>, sugere uma associação entre uma vinculação insegura ao cuidador principal e uma relação negativa com os irmãos/as irmãs (Volling & Belsky, 1992). A hipótese da compensação sugere que os relacionamentos negativos com alguns membros da família podem ser compensados por relacionamentos mais positivos com outros membros da família, principalmente em famílias conflituosas (Furman & Buhrmester, 1985; Voorpostel & Blieszner, 2008). A ideia de que, quando a relação estabelecida com os pais não permite um sentimento de segurança, há tendência para procurar conforto e apoio emocional num elemento da fratria, tem tido apoio empírico com amostras de crianças e adolescentes (Jenkins 1992; Kim, McHale, Osgood, & Crouter, 2006; Voorpostel & Blieszner 2008; Whiteman, McHale, & Soli, 2011). Por exemplo, o estudo de Feinberg, McHale, Crouter e

---

<sup>3</sup> *Spillover* é um conceito adaptado da área de sociologia e *stress* e refere-se ao fluxo directo (transferência directa) de comportamentos de um contexto para o outro (Repetti, 1987).

<sup>4</sup> Os modelos internos dinâmicos do *self* e do outro são desenvolvidos com base na relação entre os pais e filhos, influenciando as estratégias de *coping*. Quando os modelos são positivos (representação positiva do *self* e dos outros), contribuem para o desenvolvimento de relações saudáveis (Portner & Riggs, 2016).

Cumsille (2003) mostrou que, quando os elementos da fratria se sentem criticados ou negligenciados pelos pais, tendem a relacionar-se no sentido de se protegerem mutuamente e compensar a qualidade negativa da relação com os pais.

### **Questão de investigação e objetivos**

Tal como referido, existem diversos estudos centrados no papel protetor da relação na fratria no decorrer da infância e da adolescência. Contudo, a literatura sobre este tópico na idade adulta emergente é limitada (Cicirelli, 1995; Connidis, 2001; Milevsky 2005; Scharf, Shulman, & Avigad-Spitz, 2005). Com base na literatura revista e atendendo às lacunas identificadas na literatura, formulou-se a seguinte questão de investigação: como é que a qualidade relacional fraternal afeta a relação entre o conflito familiar e a perturbação emocional? Para dar resposta a esta questão, será analisada: (a) a relação entre o conflito familiar, a qualidade das relações na fratria e a perturbação emocional e (b) o papel moderador da qualidade das relações fraternais na relação entre o conflito familiar e a perturbação emocional. Através de uma compreensão mais aprofundada destas relações no contexto fraternal na idade adulta emergente, pretende-se contribuir para a expansão do conhecimento nas áreas da psicologia clínica, da família e do desenvolvimento.

## **Método**

### **Participantes**

A amostra é constituída por 264 participantes ( $N = 264$ ), com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos ( $M = 23.11$ ,  $DP = 3.66$ ), 159 (62.2%) do género feminino e 105 (39.8%) do género masculino. Ao nível da escolaridade, 8% tem entre 5 a 6 anos de escolaridade, 4.2% 7 a 9 anos de escolaridade, 29.5% 10 a 12 anos de escolaridade, 47.3% frequenta o ensino superior e 18.2% concluiu o ensino superior. A maioria dos participantes tem apenas um irmão/uma irmã ( $n = 130$ , 49.2%), 69 (26.1%) tem dois irmãos/duas irmãs e 62 (23.4%) tem três ou mais irmãos/irmãs. Em relação à posição na fratria, a maioria ( $n = 107$ , 40.5%) ocupa a segunda posição na fratria, 94 (35.6%) ocupa a primeira posição na fratria, e 40 (15.2%) ocupa a terceira posição. Relativamente à coabitação, a maioria dos participantes vivia com os pais ( $n = 147$ , 55.7%), 27 (10.2%) vivia com a família monoparental, 6 (2.3%) vivia com família reconstituída e 10 (3.8%) vivia com os irmãos/as irmãs. No que concerne à zona de residência, 2.3% reside na zona norte de Portugal, 9.8% no centro, 4% no Alentejo,

46.2% na Grande Lisboa, 20.5% na Região Autónoma dos Açores e 17% na Região Autónoma da Madeira.

## **Instrumentos**

**Questionário de dados sociodemográficos.** Os participantes responderam a um questionário sobre dados individuais (e.g., idade, sexo, nível de escolaridade, zona de residência) e dados familiares e fraternais, nomeadamente, a dimensão da fratria e a posição na fratria.

**Inventário de Relações entre Irmãos** (Sibling Relationship Questionnaire, SRI; versão original: Stocker & McHale, 1992; versão adaptada: Stocker & McHale, 2017; tradução e adaptação para a população portuguesa: Portugal & Prioste, 2017). O SRI é um instrumento de autorrelato que avalia a qualidade da relação entre irmãos e é constituído por 13 itens. Os participantes devem indicar a frequência com que um conjunto de sentimentos e comportamentos ocorre em relação ao irmão ou irmã através de uma escala de *Likert* de cinco pontos (1 = *nunca* e 5 = *sempre*). A versão adaptada SRI avalia duas dimensões: afeto, que inclui seis itens que avaliam os comportamentos pró-sociais, a qualidade de afeto, de companhia, de semelhança, de intimidade e a admiração pelo/do irmão e hostilidade que engloba cinco itens que medem os comportamentos de antagonismo, de competição e de disputa.

No estudo de validação da versão inicial da SRI (Stocker & McHale, 1992), com uma amostra de díades fraternais de crianças, as dimensões revelaram um nível de consistência interna adequado: afeto:  $\alpha = .77$ ; rivalidade:  $\alpha = .86$ ; e hostilidade:  $\alpha = .71$ . No estudo de validação inicial da escala para a população portuguesa em curso, as dimensões do SRI revelaram também valores de alfa adequados: alfa de  $.72$  para a dimensão Hostilidade e alfa de  $.83$  para a dimensão Afeto. No presente estudo, as dimensões da escala mostraram também níveis adequados de consistência interna,  $\alpha = .74$  para a dimensão hostilidade e  $\alpha = .82$  para a dimensão afeto.

**Inventário de Sintomatologia Psicológica** (Brief Symptom Inventory; BSI, de Derogatis, 1982, traduzido e adaptado para a população portuguesa por Canavarro, 1999). Neste instrumento de autorrelato com 53 itens é pedido ao participante que qualifique a intensidade em que foi afetado por um conjunto de sintomas, durante a última semana, através de uma escala de *Likert* de cinco pontos (0 = *nunca* a 4 = *muitíssimas vezes*). Esta escala avalia nove dimensões (somatização, obsessão-compulsão, sensibilidade interpessoal, depressão, ansiedade, hostilidade, ansiedade

fóbica, ideação paranoide e psicoticismo) e três índices globais (índice geral de sintomas, índice de sintomas positivos e total de sintomas positivos) que medem a perturbação emocional. No presente estudo, para avaliar a perturbação emocional foi utilizado o índice de sintomas positivos.

No estudo de validação realizado por Canavarro (1999), com uma amostra composta por 551 participantes, o BSI apresentou níveis de consistência interna adequados, entre  $\alpha = .62$  na dimensão psicoticismo e  $\alpha = .80$  na somatização. No presente estudo, as dimensões apresentaram valores de consistência interna adequados, variando entre .70 para a dimensão Hostilidade e .87 para a dimensão Somatização.

**Inventário do Clima Familiar** (ICF; versão original: Teodoro et al., 2009; versão portuguesa para investigação: Francisco, 2015). Este instrumento de autorrelato é composto por 22 itens que avaliam quatro dimensões do clima familiar numa escala de *Likert* de cinco pontos (1 = *discordo completamente* a 5 = *concordo completamente*): conflito, que inclui seis itens relacionados com a relação agressiva, crítica e conflituosa entre os membros da família (e.g., “Discute-se por qualquer coisa.”); hierarquia, que engloba seis itens que analisam a diferenciação de poder dentro da família, onde os mais velhos possuem mais influência nas decisões (e.g., “Uns mandam e outros obedecem”); apoio, composta por cinco itens que medem o suporte material e emocional recebido pelos familiares (e.g., “Procuramos ajudar as pessoas da nossa família quando percebemos que estão com problemas”) e coesão, que integra cinco itens que definem o vínculo entre os familiares (e.g., “As pessoas gostam de passear e de fazer coisas juntas”). No presente trabalho foi apenas utilizada a dimensão conflito familiar.

No estudo de validação do ICF (Teodoro et al., 2009), com uma amostra composta por 276 participantes, o instrumento apresentou níveis de consistência interna adequados, variando entre  $\alpha = .71$  na dimensão apoio e  $\alpha = .84$  na dimensão conflito. No presente estudo, a dimensão conflito também apresentou um valor de alfa de .88.

### **Procedimento de recolha de dados**

A recolha de dados teve início após a aprovação do estudo pela Comissão de Ética e Deontologia em Investigação Científica (CEDIC) da Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (EPCV, ULHT). A amostra deste estudo corresponde a um recorte de um estudo mais abrangente em curso na EPCV, ULHT e na Universidade da Madeira no qual participaram 380 adultos emergentes. Como critérios de inclusão na amostra deste

estudo foram estabelecidos: (a) ter nacionalidade portuguesa; (b) domínio da língua portuguesa falada e escrita; (c) ter entre 18 e os 30 anos de idade; (d) ter, pelo menos, um/a irmão/ã com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos. De um total de 264 participantes, foram excluídos 88 participantes porque não tinham nacionalidade portuguesa.

A amostra foi recolhida através de uma técnica de amostragem não probabilística, denominada de bola de neve (Pais-Ribeiro, 2007), através de dois procedimentos diferentes: (a) através de contatos pessoais das investigadoras (e.g., rede social, amigos, família, conhecidos); (b) recolha em grupo, no contexto de sala de aula a alunos do ensino superior de diversas Universidades (e.g. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Universidade de Lisboa e Universidade Católica Portuguesa). Em ambos os casos, os dados foram recolhidos na presença das investigadoras que se mostraram disponíveis para o esclarecimento de eventuais dúvidas relacionadas com as questões e/ou vocabulário. Através do recurso a estas estratégias pretendeu-se diversificar a amostra, integrando adultos emergentes de contextos distintos. Os participantes colaboraram de forma voluntária, sem qualquer recompensa, após a explicação dos objetivos do estudo e a assinatura do termo de consentimento informado.

### **Procedimento de análise dos dados**

A análise de dados foi realizada com recurso ao software *Statistical Package for the Social Science* (SPSS), versão 22. Em todos os procedimentos estatísticos, foi estabelecido um nível de significância de 5% ( $p < .05$ ).

Para explorar o primeiro objetivo proposto, procedeu-se à análise da estatística descritiva das variáveis quantitativas contínuas (conflito familiar, afeto fraternal, hostilidade fraternal e perturbação emocional) e análise das correlações, através do teste de correlação de *Pearson* (Marôco, 2007). Para analisar o papel moderador da qualidade relacional fraternal na relação entre o conflito familiar e a perturbação emocional (segundo objetivo proposto), utilizou-se o modelo 1 da macro PROCESS desenvolvida por Hayes (2012) para SPSS.

## Resultados

### Estatística descritiva e análise das correlações

No Quadro 1 encontram-se apresentados os resultados referentes à estatística descritiva das variáveis de interesse e à análise de correlações entre elas. Verificou-se que a perturbação emocional se associa positiva e significativamente com a hostilidade fraternal e com o conflito familiar, sendo que ambas as associações são moderadas. A hostilidade fraternal encontra-se associada significativa e positivamente com o conflito familiar, sendo uma associação moderada, e negativamente com o afeto fraternal, sendo uma associação fraca. A relação negativa verificada entre o afeto fraternal e a perturbação emocional é fraca.

Quadro 1.

*Estatística Descritiva e Análise das Correlações entre Perturbação Emocional, Hostilidade e Afeto fraternal e Conflito Familiar (N = 264)*

Variáveis	1	2	3	4
<b>1. Perturbação emocional</b>	-			
<b>2. Hostilidade fraternal</b>	.29**	-		
<b>3. Afeto fraternal</b>	.01	-.16*	-	
<b>4. Conflito familiar</b>	.33**	.31**	-.22**	-
<i>M</i>	1.57	8.60	27.10	2.13
<i>DP</i>	.43	2.50	6.06	.85

Nota. \*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ .

### Análise do papel moderador da qualidade relacional fraternal na relação entre o conflito familiar e a perturbação emocional

No Quadro 2 apresentam-se os resultados da análise de moderação para a variável afeto fraternal na relação entre o conflito familiar e a perturbação emocional.

Quadro 2.

*Análise do Papel Moderador do Afeto Fraternal na Relação entre o Conflito Familiar e a Perturbação Emocional*

Preditores	Perturbação emocional					
	<i>b</i>	<i>SE</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>Bootsrapping bias-corrected</i>	
					Limite inferior	Limite superior
Constante	.02	.06	.33	.74	-.10	.14
Afeto fraternal (AF)	.08	.07	1.15	.25	-.05	.20
Conflito familiar (CF)	.37	.06	5.72	.00	.24	.50
AF x CF	.03	.07	.38	.70	-.10	.16

Os resultados obtidos indicaram que o modelo é significativo, explicando 12.54% da variância,  $F(3,230) = 10.99, p < .001$ . Através da análise do Quadro 2, observa-se que o afeto fraternal não tem um papel moderador na relação entre o conflito familiar e a perturbação emocional ( $b = .03, p = .70$ ). Reforça-se, contudo, o efeito total que o conflito familiar tem na perturbação emocional ( $b = .37, p < .001$ ).

No Quadro 3 encontram-se apresentados os resultados da análise de moderação para a variável hostilidade fraternal na relação entre o conflito familiar e a perturbação emocional. Os resultados indicaram que o modelo é significativo ( $F(3,230) = 18.14, p < .001$ ), explicando 19.14% da variância. Pela análise do Quadro 3, observa-se que hostilidade tem um papel moderador na relação entre o conflito familiar e a perturbação emocional ( $b = .19, p < .05$ ). Reforça-se o efeito direto que a hostilidade ( $b = .14, p < .05$ ) e o conflito ( $b = .30, p < .001$ ) têm na perturbação emocional.

Quadro 3.

*Análise do Papel Moderador da Hostilidade Fraternal na Relação entre o Conflito Familiar e a Perturbação Emocional*

Preditores	Perturbação emocional					
	<i>b</i>	<i>SE</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>Boostrapping bias-corrected</i>	
					Limite inferior	Limite superior
Constante	-.04	.06	-.62	.54	-.16	.08
Hostilidade Fraternal (HF)	.14	.07	2.04	.04	.00	.27
Conflito Familiar (CF)	.30	.06	4.65	.00	.17	.43
HF x CF	.19	.06	3.19	.00	.07	.30

A existência do efeito de moderação da hostilidade fraternal sugere que o efeito do conflito familiar na perturbação emocional é significativamente diferente consoante o nível de hostilidade fraternal, sendo que esta relação está apresentada graficamente na Figura 1. Assim, verificamos que, no grupo com um nível de hostilidade fraternal menor, o nível de perturbação emocional parece não variar com o aumento do nível de conflito familiar. Por outro lado, no grupo com um nível de hostilidade fraternal elevado, o nível de ISP tende a aumentar com o aumento do nível de conflito familiar.

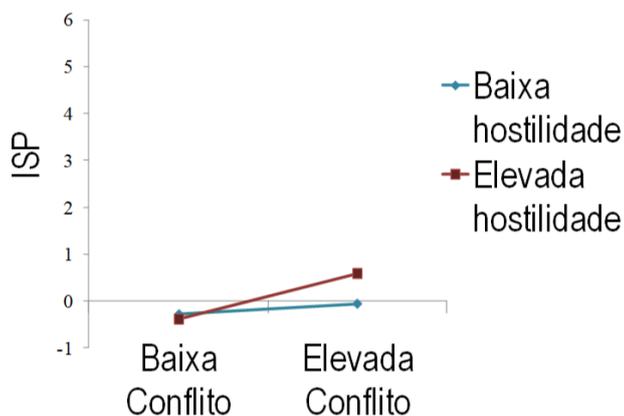


Figura 1. Efeito da hostilidade fraternal na relação entre o conflito familiar e a perturbação emocional.

## Discussão

Com uma amostra de adultos emergentes, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, o presente estudo teve como objetivo analisar a relação entre o conflito familiar, a qualidade das relações na fratria e a perturbação emocional e o papel moderador da qualidade das relações na fratria na relação entre o conflito familiar e a perturbação emocional. Desta forma, pretendeu-se dar resposta aos problemas de investigação identificados, nomeadamente a escassez de estudos que analisem a relação entre as variáveis de interesse nesta etapa desenvolvimental e o potencial papel de moderação do afeto e da hostilidade fraternal na relação entre o conflito familiar e a perturbação emocional.

A associação positiva observada entre o conflito familiar e a perturbação emocional é consistente com a literatura que mostra que a hostilidade e a crítica familiares podem aumentar o risco de desajustamento psicológico na adultez emergente (e.g., Reed, Ferraro, Lucier-Greer, & Barber, 2015; Rohde, Lewinsohn, Klein, Seeley, & Gau, 2013; Schulenberg, Sameroff, & Cicchetti, 2004). Na interpretação deste resultado deveremos ter em consideração as tarefas desenvolvimentais desta etapa (e.g., níveis elevados de exploração identitária, experiencição de ambiguidade, negatividade e instabilidade [Arnett, 2000, 2001, 2004, 2006]) e a sua associação a comportamentos de risco (e.g., Pereira, Dutra-Thomé, & Koller, 2016). Neste sentido, é plausível supor que o nível de conflituosidade familiar poderá contribuir para o aumento da perceção da instabilidade, refletindo-se num nível mais elevado de perturbação emocional (Schulenberg et al., 2004; Luyckx, Klimstra, Duriez, Petegem, & Beyers, 2013).

A associação positiva encontrada entre a perturbação emocional e a hostilidade fraternal corrobora os resultados de trabalhos anteriores que mostraram uma associação positiva entre os níveis de conflito fraternal e as perturbações de externalização e internalização (e.g., Bascoe, Davies, & Cummings, 2012; Garcia, Shaw, Winslow, & Yaggi, 2000; Kim et al., 2007; Modry-Mandell, Gamble, & Taylor, 2007; Moser & Jacob, 2002). Para além disso, estes resultados podem também ser explicados através do tratamento parental diferenciado e da sua associação à hostilidade fraternal (variável que não foi analisada pelo presente estudo). McHale e Crouter (2003) e Volling (1997), com base na teoria da comparação social, referem que, embora as normas sociais ocidentais privilegiem tratamento igualitário dos filhos, como os pais tendem a reconhecer as diferenças entre os filhos em relação a diversos fatores (e.g.,

comportamento e características pessoais), interagem com estes de forma diferente. Neste sentido, a literatura tem mostrado que o irmão/a irmã que se sente tratado de forma diferente (e menos positiva), tende a apresentar níveis mais altos de sintomatologia depressiva (Feinberg & Hetherington, 2001; Shanahan et al., 2008), comportamento antissocial e delinquente (Richmond et al. 2005; Tamrouti-Makkink et al., 2004) e abuso de substâncias (Mekos et al., 1996).

As relações encontradas entre a hostilidade fraternal e o conflito familiar e entre o afeto fraternal e o conflito familiar poderão ser interpretadas à luz do efeito de *spillover* (Derkman et al., 2011; Repetti, 1987) e através da hipótese da congruência proposta por Volling e Belsky (1992). De facto, os resultados apontam para que os contextos familiares e fraternais negativos se interinfluenciem e que a qualidade relacional de ambos os sistemas seja congruente, o que é consistente com a literatura que salienta a relevância de considerar influências bidirecionais e circulares entre os subsistemas familiares (e.g., Brody, 1998; Whiteman, McHale, & Crouter, 2011). Assim, níveis elevados de hostilidade e níveis baixos de afeto fraternal podem aumentar a tensão familiar e vice-versa.

Os resultados obtidos mostraram, ainda, que a hostilidade fraternal modera a relação entre o conflito familiar e a perturbação emocional, sugerindo que, na condição de elevada hostilidade fraternal, o nível de perturbação emocional aumenta perante o aumento do nível de conflito familiar. Este resultado poderá também ser percebido tendo em conta a hipótese da congruência (Volling & Belsky, 1992), já que enfatiza o fluxo de negatividade entre os dois contextos e a permeabilidade das relações fraternais hostis ao conflito familiar (e.g., Whiteman et al., 2010). Este resultado poderá também apoiar os resultados do trabalho de Tucker e Updegraff (2009) que mostrou que o nível de perturbação emocional é mais elevado quando os adultos emergentes experienciam relações familiares e fraternais com níveis elevado de conflito, em comparação com adultos emergentes que experimentam níveis elevados de conflituosidade em apenas um dos subsistemas.

Por outro lado, como os resultados mostram que, na condição de baixa hostilidade fraternal, o nível de perturbação emocional parece não variar com o aumento do nível de conflito familiar, hipotetizamos que a hostilidade fraternal possa ser um fator potenciador do efeito do conflito no desajustamento emocional. Desta forma, estes dados poderão sublinhar a importância da qualidade da relação fraternal no

desenvolvimento de competências de autorregulação e de estratégias de *coping* adaptativas promotoras do bem-estar (Conger & Little 2010; Stormshak et al., 2009) em contextos familiares conflituosos.

O facto de o afecto fraternal não se ter revelado como um moderador da relação entre o conflito familiar e a perturbação emocional não corrobora a literatura que indica que as relações positivas na fratria podem ter um papel amortecedor ao impacto de processos e contextos familiares negativos no ajustamento (e.g., Gass et al., 2007; Jenkins & Smith, 1990). Neste sentido, os dados obtidos não oferecem suporte empírico à hipótese de compensação (e.g., Furman & Buhrmester, 1985; Voorpostel & Blieszner, 2008), o que se poderá dever ao facto de ter sido avaliada a relação conflituosa com o sistema familiar (que, naturalmente, inclui o subsistema fraternal) e não a relação conflituosa com um dos elementos do subsistema parental.

### **Implicações para a literatura e para a prática**

Ao mostrarem as associações positivas entre conflito familiar e hostilidade fraternal e negativas entre o conflito familiar e o afeto fraternal, os resultados deste trabalho poderão ter implicações para a literatura na área da psicologia da família. Especificamente, estes resultados poderão contribuir para a reflexão em torno da hipótese da congruência (Volling & Belsky, 1992) e do efeito de *spillover* (Derkman et al., 2011). O facto de os resultados apontarem para que o conflito familiar e a hostilidade fraternal estejam associados positivamente com a perturbação emocional tem implicações para a literatura da psicologia clínica e da psicologia da família, ao mostrarem a importância da dinâmica relacional familiar e fraternal na adulez emergente (Buhl, 2008). Estes resultados sublinham, também, a importância que as relações precoces têm ao longo do desenvolvimento, mesmo numa etapa marcada pela autonomização em relação à família de origem (i.e., os pais e os irmãos continuam a ter um papel relevante no ajustamento psicológico, mesmo quando na saída do “ninho”).

Para além disso, a presente investigação contribui para o aprofundamento do estudo da interinfluência entre diferentes subsistemas familiares, particularmente entre o parental e o fraternal, no ajustamento dos adultos emergentes. Por último, consideramos que, no global, os resultados obtidos poderão contribuir para a prática clínica, especificamente para o desenho de intervenções clínicas familiares e fraternais.

### **Limitações e estudos futuros**

Embora o presente trabalho possa constituir-se como um contributo científico para as áreas apontadas, importa referir algumas limitações. A amostra é de conveniência e foi recolhida através de uma técnica não probabilística, não permitindo a generalização dos resultados obtidos à população portuguesa. Como os instrumentos utilizados são medidas de autorrelato, podem enviesar os resultados através de processos de desiderabilidade social. Para além disso, a amostra é maioritariamente constituída por participantes do género feminino, que coabita com a família nuclear e que está integrada em fratrias com dois elementos. Sendo este um estudo transversal, não permite aceder ao processo de desenvolvimento dos processos de desenvolvimento da perturbação emocional e do conflito familiar ao longo do tempo, pelo que não permite estabelecer relações causais nem analisar adequadamente a dinâmica da relação das variáveis em análise.

Para colmatar as lacunas identificadas seria importante em estudos futuros incluir uma amostra mais alargada de forma a aumentar a validade externa. Seria também importante realizar estudos longitudinais que permitam obter resultados estabelecer relações de causalidade entre as variáveis de interesse. Em estudos futuros poderiam ainda ser utilizados instrumentos de heterorelato (e.g., recolher dados com os pais) para colmatar problemas de desiderabilidade social e triangular os dados. Seria interessante estudar o papel de outras variáveis moderadoras (e.g., género, posição na fratria) e de incluir outras variáveis (e.g., resiliência, tratamento parental diferencial e estratégias de *coping*) no sentido de aumento a percentagem de variância explicada pelos modelos. Atendendo à hipótese explicativa proposta a propósito da associação entre a perturbação emocional e a hostilidade fraternal, seria importante estudar o papel mediador da hostilidade fraternal na relação entre o tratamento parental diferencial e a perturbação emocional.

Para além disso, os estudos futuros deveriam integrar amostras de adultos emergentes de famílias monoparentais ou em situação de divórcio e compreender mais detalhadamente de que forma a fratria pode funcionar como uma ilha de estabilidade e interdependência (Almodovar, 1986) neste tipo de contextos familiares. Ainda neste sentido seria importante perceber de que forma a triangulação dos irmãos/das irmãs nos conflitos parentais se reflecte na qualidade da relação na fratria.

Embora este trabalho apresente limitações, consideramos que pode contribuir para o enriquecimento da literatura sobre o papel da fratria em contextos familiares conflituosos na adulez emergente em Portugal.

### Referências

- Alarcão, M. (2000). *(Des)equilíbrios familiares: Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto.
- Almodovar, J. P. (1986). Construction et économie des liens fraternels. *Le Groupe Familial*, 111(4), 2-8.
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55, 468-480. doi:10.1037//0003066X.55.5.469
- Arnett, J. J. (2001). Conceptions of the transition to adulthood: Perspectives from adolescence through midlife. *Journal of Adult Development*, 8, 133-143.
- Arnett, J. J. (2004). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. New York: Oxford University Press.
- Arnett, J. J. (2006). Emerging adulthood in Europe: A response to Bynner. *Journal of Youth Studies*, 9, 111-123.
- Adler, A. (1984). *Conocimiento del hombre*. Madrid: Editorial Espasa-Calpe.
- Baggio, S., Iglesias, K., Studer, J., & Gmel, G. (2015). An 8-item short form of the inventory of dimensions of emerging adulthood (IDEA) among young Swiss men. *Evaluation & The Health Professions*, 38(2), 246-254.
- Bank, S., & Kahn, M. (1997). *The sibling bond*. New York: Basic Books.
- Bascoe, S., Davies, P.T., & Cummings, E. M. (2012). Beyond warmth and conflict: The developmental utility of a boundary conceptualization of sibling relationship processes. *Child Development*, 83, 2121-2138. doi:10.1111/j.14678624.2012.01817.x
- Bascoe, S. M., Davies, P. T., Sturge-Apple, M., & Cummings, E. M. (2009). Children's representations of family relationships, peer information processing, and school adjustment. *Developmental Psychology*, 45(6), 1740-1751. doi:10.1037/a0016688
- Bengtson, V. L.; Biblarz, T. J., & Roberts, R. E. (2002). *How families still matters. A longitudinal study of youth in two generations*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bowlby, J. (1982). Attachment and loss: Retrospect and prospect. *American Journal of Orthopsychiatry*, 52, 664-679. doi:10.1111/j.1939-0025.1982.tb01456.x.

- Brandão, T., Saraiva, L., & Matos, P. M. (2012). O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adulez emergente: Especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica*, *30*(3), 301-313.
- Brody, G. H. (1998). Sibling relationship quality: Its causes and consequences. *Annual Review of Psychology*, *49*, 1-24. doi:10.1146/annurev.psych.49.1.1.
- Brody, G. H., Stoneman, Z., & Burke, M. (1987). Child temperaments, maternal differential behavior, and sibling relationships. *Developmental Psychology*, *23*(3), 354–362.
- Buhl, H. M. (2008). Significance of individuation in adult childparent relationships. *Journal of Family Issues*, *29*, 262-281.
- Cicirelli, V. G. (1995). *Sibling relationships across the life span*. New York, NY: Plenum Press.
- Conger K, Little W. (2010). Sibling relationships during the transition to adulthood. *Child Development Perspectives*, *4*, 87–94.
- Connidis, I. A., & McMullin, J. A. (2002). Sociological ambivalence and family ties: A critical perspective. *Journal of Marriage and Family*, *64*(3), 558-567. doi:10.1111/j.1741-3737.2002.00558.x.
- Connidis, I. A. (2001). *Family ties and aging*. CA: Sage.
- Crawford, T. N., Cohen, P., Midlarsky, E., & Brook, J. S. (2001). Internalizing symptoms in adolescents: Gender difference in vulnerability to parental distress and discord. *Journal of Research on Adolescence*, *11*, 95-118.
- Derkman, M. M., Engels, R. C., Kuntsche, E., van der Vorst, H., & Scholte, R. H. (2011). Bidirectional associations between sibling relationships and parental support during adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, *40*(4), 490-501.
- Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Faber, A., & Mazlish, E. (1995). *Jalousies et rivalités entre frères et soeurs*. Paris: Éditions Stock.
- Feinberg, M. E., McHale, S. M., Crouter, A. C., & Cumsille, P. (2003). Sibling differentiation: Sibling and parent relationship trajectories in adolescence. *Child Development*, *74*, 1261–1274. doi:10.1111/1467-8624.00606.
- Feinberg, M., & Hetherington, E. M. (2001). Differential parental treatment as a within family process. *Journal of Family Psychology*, *15*(1), 22-37. doi:10.1037/0893-3200.15.1.22

- Furman, W., & Buhrmester, D. (1985). Children's perceptions of the personal relationships in their social networks. *Developmental Psychology*, 21(6), 1016-1024. doi:10.1037/0012-1649.21.6.1016
- Gamble, W. C., & Yu, J. J. (2014). Young children's sibling relationship interactional types: Associations with family characteristics, parenting, and child characteristics. *Early Education and Development*, 25(2), 223-239.
- Gass, K., Jenkins, J., & Dunn, J. (2007). Are sibling relationships protective? A longitudinal study. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 48(2), 167-175. doi:10.1111/j.1469-7610.2006.01699.x
- Garcia, M. M., Shaw, D. S., Winslow, E. B., & Yaggi, K. E. (2000). Destructive sibling conflict and the development of conduct problems in young boys. *Developmental Psychology*, 36, 44-53. doi:10.1037/0012-1649.36.1.44
- Henriques, C. R., Jablonski, B., & Feres-Carneiro, T. (2004). A “Geração Canguru”: Algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. *Psico*, 35(2), 195-205.
- Whiteman, S. D., McHale, S. M., & Crouter, A. C. (2011). Family relationships from adolescence to early adulthood: Changes in the family system following firstborns' leaving home. *Journal of Research on Adolescence*, 21, 461-474. doi:10.1111/j.1532-7795.2010.00683.
- Instituto Nacional de Estatística (2017). *Estatísticas demográficas 2016*. Disponível em [www.ine.pt](http://www.ine.pt).
- Jablonski, J. F., & Martino, S. D. (2013). A qualitative exploration of emerging adults' and parents' perspectives on communicating adulthood status. *The Qualitative Report*, 18(37), 1-12.
- Jenkins, J. M., Smith, M. A., & Graham, P. J. (1989). Coping with parental quarrels. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 28, 182-189.
- Jenkins, J. M., & Smith, M. A. (1990). Factors protecting children living in disharmonious homes: Maternal reports. *Journal of American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 29, 60-69.
- Jenkins, J. M. (1992). Sibling relationships in disharmonious homes: Potential difficulties and protective effects. In F. Boer & J. Dunn (Eds.), *Children's*

- sibling relationships: Developmental and clinical issues* (pp. 125–138). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Jordyn, M., & Byrd, M. (2003). The relationship between the living arrangements of university students and their identity development. *Adolescence*, *38*(150), 267-78.
- Kaplan, H. I., Sadock, B. J., & Greb, J. A. (1997). *Compêndio de psiquiatria: Ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. Porto Alegre: Artmed.
- Kessler, R. C., Avenevoli, S., Costello, E., Georgiades, K., Green, J., Gruber, M. J., & Merikangas, K. (2012). Prevalence, persistence, and sociodemographic correlates of DSM-IV disorders in the national comorbidity survey replication adolescent supplement. *Archives of General Psychiatry*, *69*, 372-380.
- Kessler, R. C., Berglund, P., Demler, O., Jin, R., Merikangas, K. R., & Walters, E. E. (2005). Lifetime prevalence and age-of-onset distributions of DSM-IV disorders in the National Comorbidity Survey Replication. *Archives of General Psychiatry*, *62*, 593–602.
- Kim, J., McHale, S. M., Crouter, A. C., & Osgood, D. W. (2007). Longitudinal linkages between sibling relationships and adjustment from middle childhood through adolescence. *Developmental Psychology*, *43*, 960-973. doi:10.1037/0012-1649.43.4.960.
- Kim, J., McHale, S. M., Osgood, D. W., & Crouter, A. C. (2006). Longitudinal course and family correlates of sibling relationships from childhood through adolescence. *Child Development*, *77*, 1746–1761. doi:10.1111/j.1467-8624.2006.00971.x.
- Kins, E., Soenens, B., & Beyers, W. (2011). “Why do they have to grow up so fast?”: Parental separation anxiety and emerging adults’ pathology of separation-individuation. *Journal of Clinical Psychology*, *67*(7), 647-664. doi:10.1002/j cl p.20786
- Kublikowski, I., & Rodrigues, C. M. (2016). "Kangaroo generations": New contexts, new experiences. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, *33*(3), 535-542.
- Luyckx, K., Klimstra, T., Duriez, B., Petegem, S., & Beyers, W. (2013). Personal identity processes from adolescence through the late 20s: Age trends, functionality, and depressive symptoms. *Social Development*, *22*, 707-721. doi:10.1111/sode.12027

- Marôco, J. (2007). *Análise estatística – Com utilização do SPSS* (3ª Ed.). Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- McHale, S. M., & Crouter, A. C. (2003). How do children exert an impact on family life? In A. C. Crouter, A. Booth (Eds.), *Children's influence on family dynamics: The neglected side of family relationships* (pp. 207–220). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Mekos, D., Hetherington, E. M., & Reiss, D. (1996). Sibling differences in problem behavior and parental treatment in nondivorced and remarried families. *Child Development, 67*(5), 2148–2165.
- Milevsky, A. (2005). Compensatory patterns of sibling support in emerging adulthood: Variations in loneliness, self-esteem, depression, and life satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships, 22*, 743–755. doi:10.1177/0265407505056447.
- Modry-Mandell, K. L., Gamble, W. C., & Taylor, A. R. (2007). Family emotional climate and sibling relationship quality: Influences on behavioral problems and adaptation in preschool-aged children. *Journal of Child and Family Studies, 16*, 61-73.
- Moser, R. P., & Jacob, T. (2002). Parental and sibling effects in adolescent outcomes. *Psychological Reports, 91*, 463–479. doi:10.2466/PR0.91.6.463-479
- Newman, K., & Aptekar, S. (2007). Sticking around: delayed departure from the parental nest in Western Europe. In S. Danziger & C. Rouse, C. (Eds), *The price of independence: the economics of early adulthood*. New York: Russel Sage Foundation.
- Nguyen, C., Fournier, L., Bergeron, L., Roberge, P., & Barrette, G. (2005). Correlates of depressive and anxiety disorder among young Canadians. *Canadian Journal of Psychiatry, 50*(10), 620-628.
- North, R. J., Lewis, D. M., Capecelatro, M. R., Sherrill, B. N., Ravyts, S. G., & Fontan, G. (2016). The things they carry: Characterizing the biggest problems in the lives of emerging adults. *Journal of Social and Clinical Psychology, 35*(6), 437-454.
- Oliveira, A. L. (2011). *Família e irmãos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pais-Ribeiro, J. (2007). *Metodologia de investigação em psicologia e saúde*. Porto: Legis Editora.

- Papalia, D. E., & Olds, S. W. (2000). *Desenvolvimento psicossocial na meia-idade*. Porto Alegre: Artmed.
- Pereira, A. S., Dutra-Thomé, L., & Koller, S. H. (2016). Habilidades sociais e fatores de risco e proteção na adultez emergente. *Psico*, 47(4), 268-278. doi:10.15448/1980-8623.2016.4.23398
- Pike, A., Coldwell, J., & Dunn, J. F. (2005). Sibling relationships in early/middle childhood: Links with individual adjustment. *Journal of Family Psychology*, 19, 4, 523-532.
- Portner, L. C., & Riggs, S. A. (2016). Sibling relationships in emerging adulthood: Associations with parent-child relationship. *Journal of Child and Family Studies*, 25(6), 1755-1764. doi:10.1007/s10826-015-0358-5.
- Portugal, A., & Beja, M. (2017). *La emergencia de la Edad adulta y la Comunicación entre Padres e hijos: Estudio con la Escala de Evaluación de la Comunicación En la Parentalidad (COMP)*. Comunicação oral apresentada nas XII Jornadas Internacionais Relates, Lisboa.
- Reed, K., Ferraro, A. J., Lucier-Greer, M., & Barber, C. (2015). Adverse family influences on emerging adult depressive symptoms: A stress process approach to identifying intervention points. *Journal of Child and Family Studies*, 24, 2710–2720. doi:10.1007/s10826-014-0073-7.
- Relvas, A. (1996). *O ciclo vital da família, perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Repetti, R. L. (1987). Individual and common components of the social environment at work and psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 710-720.
- Richmond, M. K., Stocker, C. M., & Rienks, S. L. (2005). Longitudinal associations between sibling relationship quality, parental differential treatment, and children's adjustment. *Journal of Family Psychology*, 19(4), 550–559.
- Richmond, M. K., & Stocker, C. M. (2008). Longitudinal associations between parents' hostility and siblings' externalizing behavior in the context of marital discord. *Journal of Family Psychology*, 22(2), 231–240.
- Rohde, P., Lewinsohn, P. M., Klein, D. N., Seeley, J. R., & Gau, J. M. (2013). Key characteristics of major depressive disorder occurring in childhood, adolescence,

- emerging adulthood, and adulthood. *Clinical Psychological Science*, 1(1), 41-53.  
doi:10.1177/2167702612457599.
- Rutter, M. (1996). Transitions and turning points in developmental psychopathology: as applied to the age span between childhood and mid-adulthood. *International Journal of Behavioral Development*, 19(3), 603-626.
- Sandler, I. N. (1980). Social support resources, stress, and maladjustment of poor children. *American Journal of Community Psychology*, 8, 41-52.
- Scharf, M., & Mayseless, O. & Baron, L. (2004). The capacity for romantic intimacy: Exploring the contribution of best friend and marital and parental relationships. *Journal of Adolescence*, 24, 379-399.
- Scharf, M., Shulman, S., & Avigad-Spitz, L. (2005). Sibling relationships in emerging adulthood and in adolescence. *Journal of Adolescent Research*, 20, 64-90.  
doi:10.1177/0743558404271133.
- Schulenberg, J. E., Sameroff, A. J., & Cicchetti, D. (2004). The transition to adulthood as a critical juncture in the course of psychopathology and mental health. *Development and Psychopathology*, 16, 799-806.
- Seiffge-Krenke, I. (2006). Leaving home or still in the nest? Parent-child relationships and psychological health as predictors of different leaving home patterns. *Developmental Psychology*, 42(5), 864-876.
- Shanahan, L., McHale, S. M., Crouter, A. C., & Osgood, D. W. (2008). Linkages between parents' differential treatment, youth depressive symptoms, and sibling relationships. *Journal of Marriage and Family*, 70(2), 480-494.
- Stewart, R. B. (1983). Sibling attachment relationships: Child-infant interaction in the strange situation. *Developmental Psychology*, 19, 192-199.
- Stocker, C., Dunn, J., & Plomin, R. (1989). Sibling relationships: Links with child temperament, maternal behavior, and family structure. *Child Development*, 60(3), 715-727.
- Stocker, C. M., & McHale, S. M. (1992). The nature and family correlates of preadolescents' perceptions of their sibling relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 9, 179-195.
- Stormshak, E., Bullock, B., & Falkenstein, C. (2009). Harnessing the power of sibling relationships as a tool for optimizing social-emotional development. *New*

- Directions for Child & Adolescent Development*, 126, 61-77.  
doi:10.1002/CAD.257.
- Tamrouti-Makkink, I. D., Dubas, J. S., Gerris, J. R. M., & van Aken, M. A. G. (2004). The relation between the absolute level of parenting and differential parental treatment with adolescent siblings' adjustment. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45(8), 1397–1406.
- Teodoro, M. L. M., Allgayer, M., & Land, B. (2009). Desenvolvimento e validade fatorial do inventário do clima familiar (ICF) para adolescentes. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(3), 27-39.
- Tucker, C. J., & Updegraff, K. (2009). The relative contributions of parents and siblings to child and adolescent development. *New Directions for Child & Adolescent Development*, 126, 13-28. doi:10.1002/cd.254.
- Volling, B., & Belsky, J. (1992). The contribution of mother-child and father-child relationships to the quality of sibling interaction: A longitudinal study. *Child Development*, 63, 1209–1222. doi:10.1111/j.1467-8624.1992.tb01690.x.
- Volling, B. L. (1997). The family correlates of maternal and paternal perceptions of differential treatment in early childhood. *Journal of Applied Family Studies*, 46(3), 227–236.
- Voorpostel, M., & Blieszner, R. (2008). Intergenerational solidarity and support between adult siblings. *Journal of Marriage and Family*, 70, 157–167. doi:10.1111/j.1741-3737.2007.00468.x.
- Whiteman, M., McHale, S. M., & Soli, A. (2011). Theoretical perspectives on sibling relationships. *Journal of Family Theory and Review*, 3, 124–139. doi:10.1111/j.1756-2589.2011.00087.x.
- Yárnöz-Yaben, S., & Garmendia., A. (2016). Parental divorce and emerging adults' subjective well-being: The role of “carrying messages”. *Journal of Child and Family Studies*, 25(2), 638-646. doi:10.1007/s10826-015-0229-0
- Youngstrom, E., Weist, M. D., & Albus, K. E. (2003). Exploring violence exposure, stress, protective factors and behavioral problems among inner-city youth. *American Journal of Community Psychology*, 32, 115-129.